

O LAÇO DA LAJE: A JUVENTUDE NA FAVELA E A PRODUÇÃO CULTURAL

Ana Maria Miguel

FEBF - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / UERJ

anamaria.miguel@yahoo.com.br

Juventude pobre e o desejo de produzir cultura

Faço a coordenação pedagógica do programa Salto para o Futuro, onde trabalho há quinze anos, participando da produção de séries que discutem temáticas relacionadas à juventude, especificamente a relação dos grupos de jovens e suas produções culturais. Durante as gravações das reportagens, presenciei muitas histórias de jovens que buscam formas de romper com uma lógica perversa que tenta reduzir sua autoestima em relação à sua origem popular, advinda das periferias, subúrbios e favelas. Apesar de todas as dificuldades, sempre encontrei e encontro pontos de resistências, potências de vida nessa multidão. O que sempre chamou a minha atenção durante essas viagens e no encontro com esses diferentes grupos é a capacidade de se organizarem, muitos em meio a muita pobreza e no total desamparo em que vivem. É a pergunta que sempre fiz era: como esses jovens se mantêm diante de uma situação de tamanho desamparo?

A formação desses grupos desamparados e, mesmo assim, produtores de cultura desvela uma característica comum a todos que se faz na troca, na insuficiência e na horizontalidade, características de um laço fraterno. A fraternidade, a solidariedade e a alteridade são o que há de mais significativo. Esses jovens se mantêm pelo desejo de estarem juntos por um bem comum. Não importando o tempo de suas durações, esses grupos que, na sua maioria, produzem cultura, encontram na relação com o outro seu lugar no mundo. Assim, se configurou o tema dessa pesquisa, o laço fraterno nos grupos de jovens que produzem cultura sem apoio de uma instância superior que os sustente, mas sustentando uns aos outros, um pacto social entre irmãos.

O grupo *Teatro da Laje* foi escolhido como objeto dessa pesquisa, por ser composto por jovens que produzem cultura através da linguagem teatral e que, desde sua formação vem buscando financiamento para desenvolver seus projetos, mas mesmo sem conseguir, continua mantendo-se através de um trabalho colaborativo, onde todos participam e estão “em pé de igualdade”. Durante três meses participei como observadora dos ensaios do grupo, aos sábados à tarde.

Juventude é juventude em qualquer lugar?

(...) o Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos. Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade (...). Sim, o Brasil era um lúgubre ermo de rapazes.

Nelson Rodrigues

Classificada pela OMS - Organização Mundial de Saúde, como um período da vida entre os 15 e 24 anos e pelo IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - entre 14 a 29 anos, incluindo o período escolar, a entrada no mercado de trabalho e a formação de família, a categoria "juventude" distingue cronologicamente um grupo de sujeitos dos demais nas sociedades ocidentais. Esse é um dos recortes, mas não é suficiente para se compreender os aspectos socioculturais desta etapa da vida. Ser jovem é viver, ao mesmo tempo, uma determinada forma de inserção na estrutura da sociedade, amplamente determinada pelas condições sociais, étnicas, culturais e de gênero, e um momento do ciclo da vida, marcado por algumas especificidades (SPÓSITO, 1997).

Para Bourdieu (1978), a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável e o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e, ainda, relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Se é preciso levar em consideração o fato da manipulação, é preciso também considerar a diversidade de sujeitos envolvidos nessa categoria.

Assim, ao invés de juventude, é preciso pensar em juventudes. Segundo Dayrell (2006), pode-se construir o conceito de juventude na ótica da diversidade, considerando o contexto de classe por meio da origem social e considerando também os diferentes sistemas de interações sociais e simbólicas que interferem na trajetória social dos jovens.

Juventudes e favela

Os grupos de jovens das periferias e favelas que produzem cultura se constituem de maneiras bem heterogêneas, há várias formas e caminhos de se fazer parte de um grupo cultural. Alguns jovens entram em projetos sociais no intuito de obter algum aprendizado ou então para ocupar o tempo ocioso. Outros criam com amigos uma atividade cultural de acordo com seus interesses, porém é importante ressaltar que a maioria dos jovens das periferias e favelas é excluída dessas experiências culturais porque, desde muito cedo, está envolvida no mundo do trabalho.

A partir dos anos 1990, vêm surgindo numerosos movimentos culturais nas favelas cariocas. Na sua maioria, dedicados à música, como o funk, mas com espaços também para dança, cinema, fotografia, literatura, moda e teatro. Esses grupos de jovens de periferias e favelas têm encontrado na cultura um recurso para transformar a realidade ao seu redor. Como afirma George Yudice (2004), em seu estudo sobre o assunto, a cultura hoje está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica.

Meu interesse está relacionado a grupos que não têm patrocínio e, mesmo assim, encontram formas nos próprios integrantes e no seu entorno, através de relações fraternas, de continuarem suas propostas culturais, como é o caso do grupo de *Teatro da Laje*, objeto dessa pesquisa.

Produção cultural sem pa(i)trocínio

A laje, símbolo que muito diz (concretamente) da força, dos laços e dos saberes dos moradores das favelas e dos jovens que, desde muito cedo, aprendem com essa realidade e, a partir dela, constroem produções culturais como projetos de vida.

A maioria dos projetos sociais propõe ações pontuais, isoladas, e não considera esses jovens como cidadãos, mas sim como pessoas que necessitam de ocupação do tempo ocioso. Não possibilitam as suas expressões, mas sim uma reprodução do que eles, enquanto gerenciadores, querem disseminar. Ou, muitas vezes, usam essa imagem do jovem morador de favela como mercadoria, como o “diferente” consumível. São modos de vida como fonte de consumo. Esses projetos, em sua maioria, trazem propostas referenciadas a partir de um centro, que geralmente é erudito ou proveniente do capital cultural da classe média. Mas é possível pensar a produção cultural que é feita em periferia e favelas sem pensar nas produções do centro? Há um centro de produção de cultura? Essa relação de mão dupla sempre determinou as posições políticas, econômicas e sociais de diferenciação desses espaços. No caso da cidade do Rio de Janeiro, centro e periferia encontram-se, em muitos contextos, geograficamente muito mais próximos do que o conceito sugere. E é nesse cenário, apesar de todo o contexto de desigualdade que enfrentam as favelas e periferias, que na última década tem crescido e se afirmado um importante fenômeno para a cultura brasileira, que é o aparecimento das vozes das periferias urbanas. Uma periferia que, segundo Hermano Vianna (2006), se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava...

Não tenho dúvida nenhuma: a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país. A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto da Brasil e com o resto do mundo. Antes os políticos diziam: “vamos levar cultura para a favela”. Agora é diferente: a favela responde: “Qualé Mané! O que não falta aqui é cultura! Olha só o que o mundo tem a aprender com a gente!” (VIANNA, 2006).

Os grupos de jovens das favelas e periferias da cidade criam novos circuitos culturais em grande escala e velocidade e esse movimento traz também novas soluções econômicas, por mais informais que sejam, como bailes, festas, circuitos que atraem multidões que, nos fins de semana, têm nesses espaços um local de encontro, de lazer e de trabalho para alguns. Muitos desses espaços foram criminalizados até o ano de 2009, como é caso dos bailes funk.

Na perspectiva das desconfigurações de fronteiras, no deslocamento das hierarquias e na busca de espaços, podemos pensar nas fratrias órfãs, grupos de jovens que produzem cultura sem financiamento, sem pa(i)trocinadores. Como se mantêm? O que os mantém?

O grupo *Teatro da Laje* tem como proposta para criar parcerias um diálogo em que seus integrantes possam, como eles mesmos propõem: pautar e ser pautado, ou seja, parcerias que vão para além do financiamento e fora da lógica do pa(i)trocínio, para construir uma relação dialógica com os “de fora”, os “estrangeiros” e, ao mesmo tempo, mantendo a proposta de desenvolver um trabalho social nos limites do campo específico de atuação do teatro.

É preciso contar outras histórias

Há inúmeros grupos em todo o país com projetos culturais à procura de financiamento para que possam ser desenvolvidos; em contrapartida, o modelo de financiamento cultural é limitado a segmentos específicos da cultura e somente os projetos que demonstrem possibilidade de gerar retorno são financiados. Os projetos classificados como sem possibilidade de retorno ou, ainda, que trabalham a cultura pela cultura, dificilmente receberão financiamentos, a não ser que ofereçam uma forma indireta de retorno, tendo em vista que, nesse contexto, a cultura precisa ter uma utilidade.

O grupo *Teatro da Laje*, na busca de financiamentos e patrocínio, continua sua trajetória reafirmando os laços fraternos do próprio grupo e dos que estão em seu entorno para se manterem. Conseguem, assim, pequenos recursos que são investidos na manutenção e na compra de materiais para o grupo, como instrumentos, objetos de cena,

equipamentos de som e informática e o que mais for possível. Desde sua formação, ocupavam o espaço cedido da Escola Municipal Eleonor Coelho Pereira, que fica na entrada da Vila Cruzeiro, onde todos moram, e no início de 2011 conseguiram uma sala em uma instituição que promove oficinas e atividades para crianças e adolescentes da favela. Uma instituição religiosa que cedeu o espaço por solidariedade e por reconhecer o trabalho e a referência do grupo com a juventude local. Nos momentos em que acontecem apresentações e precisam de transporte, por exemplo, vários amigos que fazem parte de uma rede contribuem para financiar o transporte e outros amigos, também na horizontalidade das relações, contribuem com a linguagem teatral, “gente de teatro”.

Segundo Kehl (2000), as fratrias se caracterizam pela filiação entre os membros, pela negação da ocupação de um lugar superior que contém a verdade e a certeza, e pela afirmação da união de esforços para a criação de novas configurações de sentidos. No entanto, a fratria não é apenas constituída de uma convivência harmoniosa, solidária e com ausência de conflitos. Há momentos de disputa e de competitividade, que se desenrolam entre pessoas iguais, que se encontram no mesmo “patamar”, assim como as trocas e a experiência compartilhada, também os embates só se desenrolam nesse nível da horizontalidade, espaço privilegiado da função fraterna. Desta forma, podemos perceber, em grupos de jovens como o *Teatro da Laje*, que existe um envolvimento que tem seus conflitos, vivências de perdas e mesmo desistências, mas por estarem todos nesse “pé de igualdade”, mesmo para o diretor do grupo – que é o mais velho e foi professor de todos – essa relação de gerações que ocorre no grupo não inviabiliza a condição fundamental da convivência fraterna, que caracteriza a semelhança na diferença, na possibilidade de diferença e de expressão de particularidade de cada um.

Nesse espaço horizontal, o laço fraterno conta com uma certa dignidade de viver, de circular pelo mesmo espaço público, de possuir o mesmo reconhecimento para todos os membros, e também atua na capacidade de fazer com que persistam diante dessa falta e nesse desamparo, até que a longo prazo, ou a qualquer momento, essa fratria descubra outros destinos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et Le premier emploi*, Paris, Association des Ages, 1978.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e funk na socialização da juventude*.

Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

KEHL, Maria Rita (org) A fratria órfã. In: Kehl, M. R. (org.) *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

YUDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

RODRIGUES, Nelson. Só os idiotas respeitam Shakeaspeare. In: _____. O óbvio ululante. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p.158.

SPÓSITO, Marília Pontes. Apontamentos para discussão sobre a condição juvenil no Brasil (p. 15). In: Boletim: *Ensino Médio: entre jovens e estudantes*. Programa Salto para o Futuro / TV Escola /SEED/MEC, ano 2004.

VIANNA, Hermano. Manifesto de Hermano. Revista Raiz, 21 de dezembro de 2006.